

CIDADE ABERTA



PEDRO MAIA

Papagaio come milho, periquito leva a fama

A polícia voltou a agir de maneira severa contra moçoilas que “fazem a vida” rodando bolsinhas pelas imediações do Parque Moscoso, como se isso fosse resolver o problema. Todo mundo – e a polícia também – está careca de saber que, enquanto por ali existirem hotéis clandestinos (as famosas “pensões familiares”), que se beneficiam do trabalho das prostitutas, de nada adiantam essas batidas.

Aliás, acabam se resumindo num espetáculo de violência nada dignificante para as autoridades.

Mulheres são arrastadas para camburões, outras gritam como se estivessem sendo levadas para o matadouro e algumas se desmancham em lágrimas, dando as mais diversas desculpas para o exercício de tão antiga ocupação. Espetáculo que provoca gargalhadas em alguns e revolta em outros.

Os grandes espertalhões da história – no caso, os donos dos tais hotéis e pensões – é que se dão bem, continuam ganhando cada vez mais com o rendoso negócio. E permanecem impunes, apesar da exploração do lenocínio.

Prestem atenção, estamos falando dos donos, não de alguns testas-de-ferro, os populares “gerentes” que, de vez em quando, são importunados pelos policiais encarregados dessa atividade de enxugar gelo, pois é justamente isso que fazem.

Se hoje recolhem meia dúzia de “damas da noite” se virando numa esquina qualquer, amanhã por certo lá estarão 12 delas na mesma ocupação, até uma nova, investida de responsável pela moral e bons costumes da coletividade.

Houve tempo, não muito distante, em que a prostituição era praticada em locais previamente demarcados (as famosas zonas boêmias, que hoje já não existem), geralmente situados em pontos mais distantes dos centros urbanos, onde as mulheres só podiam circular durante certas horas durante o dia.

Eram verdadeiros currais humanos que a hipocrisia das elites e a ganância dos espertos aceitava e aplaudia.

Só a partir da Constituinte de 1988, quando foi ressuscitado o sagrado direito de ir e vir dos cidadãos, esses redutos foram naturalmente acabando, dando lugar ao “trottoir” nas ruas, fazendo proliferar a indústria dos motéis e, principalmente, das famosas “pensões familiares”, das quais as famílias passam longe. E assim caminha a humanidade...

Bem, prostituição nos lembra aquela historinha antiga, porém sempre atual.

Que nos perdoem aqueles que já a conhecem mas, nesse caso, ela se encaixa perfeitamente.

Conta que duas amigas, que não se viam há muito tempo, encontraram-se na rua. Diz a primeira: “Há quanto tempo, hein, fulana? Como vai você? O que tem feito?”

Responde a segunda: “Oh, tenho me dado muito bem, graças a Deus! Imagina que trabalho numa empresa onde tenho a maior regalia. O patrão gosta muito de mim, sabe? Não marco ponto e meu salário aumenta todo mês.

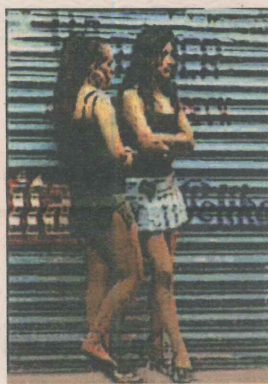
Moro num apartamento na praia que um certo senhor, muito amigo da minha família, paga o aluguel! Tenho um noivo que é uma maravilha! Esse, então, caiu do

céu!

Ele me ajuda com uma mesada e paga todas as minhas contas na butique onde me visto. Me leva aos restaurantes mais caros e me trata como rainha.

E ainda tem o deputado que fez campanha para ele! É coisa de louco! Me manda flores todos os dias e colocou um carro do Legislativo, do Legislativo, viu?, à minha disposição. E você? Como vai você?”

Então respondeu a outra: “É, minha querida, eu também sou prostituta!”



**Se hoje
recolhem meia
dúzia de
“damas da
noite” se
virando numa
esquina,
amanhã lá
estarão 12**